ISSN: 2358-8829

OLHOS D'ÁGUA E A ESCREVIVÊNCIA: DIÁLOGOS LITERÁRIOS E IDENTITÁRIOS NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS[1]

Patrícia da Silva Lima [2]
Anna Paula Soares Lemos [3]

RESUMO

Este artigo analisa, por meio de pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa e interpretativa, o conto "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo, buscando compreender suas relações com a escrevivência, a memória, a identidade e a Educação de Pessoas Jovens, Adultos e Idosas (EJAI). A discussão fundamenta-se nas contribuições de Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Stuart Hall e Brian Street, articuladas às reflexões sobre literatura afro-brasileira, educação antirracista e pensamento decolonial. A análise concentra-se na memória materna, na ancestralidade, nas experiências de mulheres negras e nas relações entre subjetividade e história coletiva presentes na narrativa. Argumenta-se que a obra possibilita problematizar silenciamentos históricos e ampliar a compreensão da leitura literária como prática social, cultural e crítica. No diálogo com a EJAI, destaca-se a importância de práticas educativas que reconheçam os estudantes como sujeitos históricos, portadores de experiências e produtores de conhecimento. Conclui-se que a escrevivência oferece subsídios teóricos e literários para refletir sobre identidade, representação e direito à palavra, embora suas possibilidades pedagógicas dependam das condições de leitura e da mediação docente.

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos; escrevivência; Conceição Evaristo; identidade.

[1] Trabalho derivado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Afya Unigranrio.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Afya Unigranrio. patricialimapedagoga@gmaill.com

[3] Doutora em Literatura Comparada (UFRJ). Docente e Orientadora no PPGHCA da Afya Unigranrio. Líder do Grupo de Pesquisa IMAGEMNO (CNPq). annapaula.lemos@unigranrio.edu.br

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI[4]) constitui uma modalidade da educação básica que acolhe sujeitos com trajetórias escolares, sociais, profissionais e culturais diversas. Essas experiências são atravessadas por desigualdades históricas que envolvem classe social, raça, gênero e acesso aos direitos. Compreender os estudantes da EJAI exige, portanto, ultrapassar perspectivas que reduzem essa modalidade à reposição de uma escolarização não realizada na infância ou na adolescência, reconhecendo seus educandos como sujeitos históricos e produtores de saberes.

Nesse contexto, a literatura pode contribuir para ampliar as possibilidades de leitura do mundo e de reflexão sobre as experiências humanas. Sua presença no espaço educativo não deve se limitar ao ensino de conteúdos linguísticos, pois a leitura literária também permite interpretar conflitos, questionar representações sociais e conhecer diferentes perspectivas de existência. A incorporação de obras de autoria negra e feminina ao currículo contribui para problematizar os critérios históricos que definiram quais vozes, experiências e produções culturais seriam reconhecidas como legítimas.

De modo convergente, Street (2014) compreende os letramentos como práticas sociais situadas, atravessadas por valores, contextos culturais e relações de poder. Tais contribuições permitem pensar a leitura literária na EJAI para além da decodificação, considerando as relações entre linguagem, identidade e realidade social.

A produção de Conceição Evaristo ocupa lugar relevante nesse debate. Sua escrita articula memória, corpo, território, desigualdade, afetos e resistência. A noção de escrevivência[5], desenvolvida pela autora, permite refletir sobre uma escrita que se relaciona com

[4] Adota-se neste trabalho a sigla EJAI (Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas) em substituição à nomenclatura tradicional EJA. Essa opção conceitual e política acompanha as discussões contemporâneas no campo das políticas públicas e da pedagogia decolonial, as quais tensionam a necessidade de visibilizar a expressiva e crescente presença da população idosa nas salas de aula da rede pública. Desse modo, o acréscimo da letra "I" demarca a urgência de currículos e práticas de letramento que acolham as especificidades cognitivas, culturais e geracionais desses sujeitos.

[5] O conceito de "escrevivência", cunhado por Conceição Evaristo na década de 1990, resulta da aglutinação dos termos *escrever*, *viver* e *viver se vendo*. A categoria conceitual estabelece uma dupla dimensão metodológica e política: afasta-se da escrita puramente documental ou folclórica para se constituir como uma práxis estética em que a vivência das mulheres negras, marcadamente atravessada pela intersecção de raça, gênero e classe, assume a centralidade da autoria, transformando o trauma histórico e cotidiano em memória coletiva e insubordinação epistêmica.

ISSN: 2358-8829

experiências individuais e coletivas, especialmente aquelas vinculadas às trajetórias de mulheres negras, sem se reduzir à reprodução documental de uma vida particular.

Publicado no livro homônimo, o conto "Olhos d'Água" apresenta uma narradora que procura recuperar a lembrança da cor dos olhos de sua mãe. Essa busca desencadeia um movimento de retorno à memória familiar, marcado pela pobreza, pelo afeto, pelo sofrimento e pela força materna. A imagem dos olhos assume dimensão simbólica, articulando lembrança, ancestralidade e experiência vivida.

A partir dessas considerações, o artigo orienta-se pela seguinte questão: de que maneira o conto "Olhos d'Água", em diálogo com a noção de escrevivência, mobiliza questões de memória, ancestralidade e identidade e oferece possibilidades de reflexão para a Educação de Jovens e Adultos?

O objetivo geral é analisar as dimensões literárias e identitárias do conto, relacionando-as às contribuições da escrevivência e às perspectivas críticas de educação e letramento. Busca-se, especificamente, discutir a representação da memória materna e da ancestralidade na narrativa; refletir sobre a relação entre literatura, identidade e silenciamento; e examinar possibilidades de diálogo entre a obra e uma prática educativa comprometida com a valorização da diversidade e com o reconhecimento das experiências dos estudantes da EJAI.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e orientação interpretativa. Seu percurso consiste na leitura e na articulação de uma obra literária com produções teóricas que permitem compreender as relações entre literatura, memória, identidade, letramento e educação.

O objeto central da análise é o conto "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo, publicado no livro homônimo. A leitura concentra-se em elementos narrativos e simbólicos relacionados à busca pela memória materna, à representação da pobreza, às relações afetivas, à ancestralidade e à construção da identidade.

O referencial teórico reúne contribuições de Paulo Freire, especialmente a relação que estabelece com a leitura do mundo; de Mikhail Bakhtin, no que se refere ao caráter dialógico da linguagem e à produção de sentidos na relação entre texto e leitor; de Stuart Hall, para a compreensão da identidade cultural como processo histórico e relacional.

ISSN: 2358-8829

Essas contribuições são articuladas às reflexões de Conceição Evaristo sobre escrevivência e às discussões sobre educação antirracista e decolonial.

O procedimento analítico compreende a leitura interpretativa do conto e a discussão de seus elementos temáticos e simbólicos à luz do referencial selecionado. Em seguida, examinam-se as aproximações possíveis entre a narrativa literária e questões pertinentes à EJAI, considerando a valorização das experiências dos sujeitos, a diversidade cultural e o direito à representação.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica, o estudo não inclui entrevistas, observações de sala de aula, questionários ou intervenção pedagógica. Assim, as considerações sobre a EJAI correspondem a possibilidades de interpretação e mediação educativa fundamentadas na análise literária e teórica, não a resultados empíricos de uma prática aplicada com estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para sustentar a análise da literatura como mediadora de processos emancipatórios e identitários na EJAI, este estudo articula de maneira transdisciplinar, contribuições teóricas de Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Stuart Hall, Nilma Lino Gomes e Conceição Evaristo. Essa convergência possibilita compreender o sujeito da EJAI em sua totalidade: enquanto ser social que aprende a partir da sua leitura de mundo, enquanto leitor dialogante que atribui sentidos aos textos, enquanto sujeito cultural em contínua reconstrução identitária e como detentor de saberes de resistência afrodiaspóricos.

Em Paulo Freire (2016a; 2016b), encontra-se o pilar ético e político para pensar a educação com pessoas adultas. Na *Pedagogia da Autonomia* e na *Pedagogia do Oprimido*, Freire postula que a verdadeira educação não se dá pela transmissão vertical de conhecimentos ("educação bancária"), mas pela problematização da realidade concreta do educando. Para o autor, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", de modo que o fazer docente precisa estar enraizado na práxis social dos sujeitos. Na EJAI, o educando já chega à sala de aula com uma complexa leitura de mundo formulada pelas suas lutas diárias, pelo trabalho e pela vivência cultural, cabendo à escola validar esse saber de experiência feito.

Ao trazer as ideias de Mikhail Bakhtin para o contexto da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI), constata-se que os gêneros do discurso, definidos como

tipos relativamente estáveis de enunciados que estruturam a atividade verbal humana, operam a partir das densas trajetórias e memórias sociais constitutivas desses sujeitos. O trabalho pedagógico com a linguagem recusa práticas de ensino puramente mecânicas, compreendendo o fenômeno linguístico como uma práxis social e um instrumento de afirmação política e subjetiva.

Bakhtin fundamenta essa perspectiva ao postular que a língua se internaliza na consciência individual não enquanto um repositório abstrato de formas gramaticais, mas como uma corrente viva de comunicação verbal. Constata-se que esse movimento dialógico fortalece diretamente o sentido de escrevivência, a narrativa não ocorre no isolamento. Pelo contrário, a escrevivência emerge como uma resposta coletiva, reflexiva e potencialmente política que refunda a realidade. Permitindo que esses sujeitos afirmem identidades e trajetórias na interação com o mundo e com o outro. O autor pontua:

> O enunciado não é uma unidade da língua (como a palavra e a oração), mas uma unidade da comunicação verbal. Ele tem limites claros, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. O enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados, com os quais está ligado na esfera comum da comunicação verbal. Todo enunciado deve ser analisado antes de tudo como uma resposta a enunciados anteriores de uma determinada esfera: ele os refuta, confirma, completa, baseia-se neles, pressupõe-nos conhecidos, de algum modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Para problematizar as questões de cor, raça e pertencimento presentes na EJAI, adota-se a perspectiva de Stuart Hall (2015) sobre as identidades culturais na pós-modernidade. Hall desconstruiu a ideia de uma identidade fixa, essencialista e imutável. Quando a escola da EJAI oferece referências literárias representativas, atua diretamente no fortalecimento da subjetividade e na reconstrução da identidade cultural do estudante.

As reflexões de Nilma Lino Gomes (2017) fundamentam a urgência de reconhecer a dimensão pedagógica das lutas étnico-raciais na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. Gomes conceitua o "Movimento Negro Educador"[6], demonstrando que os saberes construídos pela população negra em seus processos históricos de resistência constituem matrizes epistemológicas e pedagógicas imprescindíveis para a descolonização do currículo escolar.

Na EJAI, onde parcela significativa dos estudantes é composta por negros e periféricos cujas trajetórias foram marcadas pelo racismo estrutural e pelo abandono escolar, a abordagem de Gomes (2017) atua desnaturalizando a exclusão. A autora

6

argumenta que a incorporação da história e da cultura afro-brasileira nas práticas pedagógicas em consonância com a Lei nº 10.639/2003 não é mero cumprimento burocrático, mas um compromisso ético de emancipação. Isso ocorre porque o objetivo central deve ser "reeducar as relações entre os diferentes grupos étnico-raciais" (Gomes, 2017), gerando processos educativos emancipatórios capazes de promover o letramento racial de educadores e educandos.

A emergência da literatura afro-brasileira, sobretudo produzida por mulheres negras, estabelece uma profunda rasura na literatura oficial brasileira. Para confrontar o apagamento epistêmico da "escrita da casa-grande", Conceição Evaristo (2014; 2017) formula o conceito transformador de *escrevivência*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Escrevivência como expressão de memória, experiência e resistência é indiscutível. Neste sentido, na produção de Conceição Evaristo, permite refletir sobre as relações entre escrita, experiência e memória coletiva. Essa perspectiva desloca o olhar de representações que historicamente reduziram sujeitos negros, sobretudo mulheres negras, a posições de subalternidade, conferindo centralidade às suas vozes, histórias e formas de interpretar o mundo.

A escrita literária, nesse horizonte, não deve ser confundida com um registro transparente ou puramente autobiográfico da realidade. A experiência é elaborada esteticamente, por meio de escolhas narrativas, imagens, vozes e símbolos. A escrevivência permite, assim, compreender como histórias particulares podem estabelecer relações com experiências coletivas, sem apagar a singularidade de cada sujeito.

A análise de Pinto-Bailey (2021) contribui para essa discussão ao interpretar *Olhos d'água* como uma obra em que a ficção pode assumir dimensões de testemunho e resistência diante de contextos de opressão racial e econômica. Essa leitura reforça a relevância da memória e da representação literária na elaboração de experiências historicamente silenciadas.

Na educação, esse debate possibilita questionar currículos que privilegiam determinadas tradições literárias e culturais enquanto atribuem menor legitimidade a outras produções. A presença da literatura afro-brasileira permite ampliar o repertório de leituras e problematizar as relações entre conhecimento, poder e representação. Essa

ISSN: 2358-8829

perspectiva também dialoga com as discussões sobre educação antirracista e com a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos termos da legislação educacional.

A memória materna e a ancestralidade no conto *Olhos d'Água*, provocada pela pergunta sobre a cor dos olhos da mãe desencadeia a busca da narradora por uma lembrança que parece simples, mas envolve afetos, lacunas e experiências compartilhadas. O retorno à memória conduz a personagem às recordações da infância, às condições de pobreza e às estratégias de cuidado e resistência mobilizadas pela mãe.

A imagem dos olhos ultrapassa a dimensão física, não é a cor da íris dos olhos, a busca se dá em um mergulho mais profundo. Associada às lágrimas e à água, ela adquire sentidos relacionados à dor, à origem, à continuidade da vida e à memória. A narrativa constrói, desse modo, uma relação entre a experiência individual da narradora e uma história familiar mais ampla, na qual a figura materna ocupa lugar fundamental.

É visível que a memória não aparece apenas como recuperação de um passado concluído. Ela participa da constituição do presente e da maneira como a narradora compreende a si mesma e suas origens. A procura pela cor dos olhos maternos expressa, nesse sentido, uma busca por pertencimento e reconhecimento, articulando identidade e ancestralidade.

Essa leitura encontra aproximação com Hall, para quem a identidade cultural não deve ser entendida como uma essência fixa, isolada das relações históricas e das representações sociais. A identidade é construída e reconstruída em processos que envolvem memória, diferença e pertencimento. No conto, o movimento de recordar permite à narradora reelaborar sua relação com a mãe e com a própria história. A identidade é continuamente formada, mas não conformada.

A interpretação também se aproxima das reflexões de Bakhtin sobre a produção dialógica de sentidos. O texto literário não se encerra em uma mensagem única: sua leitura envolve relações entre a narrativa, os contextos culturais e as perguntas formuladas por quem lê. Isso não significa que todas as interpretações sejam equivalentes, mas que a compreensão da obra se constrói no encontro entre seus elementos formais e os horizontes de leitura dos sujeitos.

A perspectiva de letramento crítico contribui para compreender a leitura e a escrita como práticas sociais atravessadas por valores, identidades e relações de poder. Street (2014) questiona a compreensão do letramento como habilidade neutra e universal,

destacando a importância dos contextos nos quais as práticas de leitura e escrita são produzidas. Como assinala hooks[7]:

> Para que a sala de aula sirva como um espaço onde a liberdade possa realmente ser praticada, os professores devem ser dispostos a se arriscar. (...) O aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. Nós só criamos tal espaço se estivermos dispostos a aceitar a interseção da mente, do corpo e do espírito na busca pelo conhecimento (HOOKS, 2017, p. 15).

Nessa perspectiva, o letramento crítico pressupõe que a sala de aula se constitua como um espaço de liberdade e de apropriação de sentidos, onde o conhecimento flua e encontre espaço de criação, partilha e reconhecimento.

Essa discussão é especialmente relevante quando se considera a diversidade das trajetórias dos estudantes da EJAI. Os sujeitos dessa modalidade chegam à escola com experiências de trabalho, relações familiares, participação comunitária, repertórios culturais e conhecimentos construídos ao longo da vida. Reconhecer esses percursos não significa desconsiderar os conhecimentos escolares, mas criar condições para que eles dialoguem com os saberes dos educandos.

A reflexão de Freire (1989) sobre a leitura da palavra e a leitura do mundo oferece uma importante contribuição para a compreensão do percurso que Evaristo realiza ao revisitar suas memórias. Nesse contexto, a leitura literária favorece o surgimento de questionamentos sobre a realidade, as relações sociais e as formas pelas quais determinados grupos são representados, questionando por quem e com quais objetivos, com o propósito de legitimar suas existências e seus espaços de pertença no mundo.

A obra também permite refletir sobre a presença de mulheres negras na literatura e sobre a necessidade de ampliar as referências culturais disponíveis no currículo. Ao trazer para o centro da narrativa experiências frequentemente marginalizadas, Evaristo contribui para questionar imagens estereotipadas e para reconhecer a complexidade das vidas representadas. Essa dimensão se relaciona às discussões de Gomes (2008) sobre diversidade étnico-racial e práticas educativas emancipatórias.

No contexto da EJAI, o conto pode ser mediado por perguntas abertas sobre memória, pertencimento, imagens literárias e construção de sentidos. A questão que mobiliza a narradora — a cor dos olhos da mãe — pode suscitar interpretações sobre a

[7] A intelectual negra e feminista estadunidense bell hooks adota intencionalmente a grafia de seu nome em letras minúsculas. Essa escolha política visa deslocar o foco de sua individualidade (o ego) e direcioná-lo primordialmente ao impacto coletivo de suas ideias, livros e proposições teóricas acerca da pedagogia engajada e do antirracismo.

ISSN: 2358-8829

relação entre lembrança e identidade, sem exigir que os estudantes exponham experiências pessoais ou revelem memórias dolorosas. A participação deve respeitar a autonomia, a privacidade e as diferentes formas de envolvimento com a leitura.

A aproximação entre literatura e experiência não pressupõe que a ficção corresponda diretamente à vida de cada leitor. O texto pode provocar identificação, estranhamento, discordância ou novas perguntas. Sua relevância educativa está justamente na possibilidade de abrir um espaço de interpretação e diálogo, no qual diferentes leituras possam ser discutidas com respeito à obra e aos sujeitos envolvidos.

Desse modo, a escrevivência pode ser compreendida como uma referência literária, ética e epistemológica para pensar práticas de leitura que valorizem a diversidade das experiências humanas. Na EJAI, essa perspectiva oferece subsídios para questionar o silenciamento curricular e ampliar o reconhecimento dos estudantes como sujeitos de cultura e de conhecimento, sem pressupor efeitos pedagógicos automáticos ou universais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliográfica e interpretativa permite compreender que o conto “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, articula memória materna, ancestralidade, pobreza, afeto e resistência por meio de uma construção literária na qual a busca pela lembrança se relaciona à constituição da identidade. A narrativa ultrapassa a recordação individual ao estabelecer vínculos entre a experiência da personagem e questões sociais e históricas mais amplas.

A noção de escrevivência contribui para compreender a relação entre experiência e criação literária, evidenciando como a escrita pode conferir centralidade a vozes e perspectivas historicamente marginalizadas. Em diálogo com Freire, Bakhtin, Hall e Street, a leitura da obra permite discutir a produção de sentidos, a construção identitária e as relações entre letramento, cultura e poder.

No campo da Educação de Jovens e Adultos, a análise aponta possibilidades de mediação literária comprometidas com a valorização da diversidade, o reconhecimento dos repertórios culturais dos educandos e a ampliação das práticas de leitura crítica. Essas possibilidades não significam que a obra produza, por si só, transformações identitárias ou sociais, mas indicam que sua leitura, quando acompanhada de mediação docente

cuidadosa, pode favorecer perguntas e diálogos sobre memória, representação e pertencimento.

A sala de aula deve ser espaço de diálogo, escuta e construção coletiva de sentidos. Como afirma hooks, “a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades”. Isso não significa afirmar que a escola produz automaticamente emancipação, mas reconhecer que a prática pedagógica pode criar condições para a participação, a reflexão crítica e a valorização de diferentes experiências.

Como pesquisa bibliográfica, este estudo não apresenta resultados de aplicação pedagógica nem permite afirmar efeitos concretos sobre estudantes da EJAI. Sua contribuição consiste em oferecer uma interpretação teórica e literária que pode fundamentar futuras propostas de leitura e investigação nesse campo.

Conclui-se que a presença de obras de autoria negra e feminina na educação constitui uma oportunidade para ampliar os repertórios literários e problematizar as desigualdades de representação no currículo. Ao promover o encontro entre literatura, memória e identidade, a leitura de *Olhos d’água* permite refletir sobre o direito à palavra, à cultura e à representação, reafirmando a importância de uma educação crítica, democrática e comprometida com o enfrentamento do racismo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa e, com especial afeto, à minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Anna Paula Soares Lemos, pelo acolhimento generoso e condução sensível ao longo de todo este percurso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário**

Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 29 out. 2026.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. **In**: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. v. 2, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na educação: desafios e perspectivas. **In**: BARREROS, J. (org.). **Educação e diversidade cultural**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 45-61.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Escrevivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d'água de Conceição Evaristo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 43, p. 8-19, 2021. Disponível em: scielo.br. Acesso em: 29 out. 2026.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.